
19

Monolinguismo ou multilinguismo? As imagens de língua de estudantes intercambistas na Universidade de São Paulo

Selma Regina Olla
Universidade de São Paulo

Introdução

Este artigo vincula-se ao *Projeto de Pesquisa Imagens de língua: sujeito, deslocamento, conhecimento e tempo*, coordenado pelo Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto. Pretende-se investigar neste projeto os elementos discursivos que constituem as imagens da língua de uma comunidade por meio de quatro instâncias argumentadoras - o Estado, a Igreja, a Universidade e a Comunidade -; e a maneira como elas contribuem para a constituição dessas imagens.

Como parte do projeto de pesquisa, o presente artigo se propõe a examinar os instrumentos que colaboram na formação das imagens de língua nos contextos multilíngues, analisando os discursos produzidos pelos alunos estrangeiros na instância argumentadora Universidade - por meios das escolhas lexicais utilizadas para caracterizar a língua - e o conflito que há entre as imagem de língua constituída nesse espaço e as imagens de língua que os alunos estrangeiros têm - como eles veem a própria língua e como eles veem a Língua Portuguesa.

O *corpus* da pesquisa consta de recortes de uma conversação realizadas com estudantes estrangeiros do *Curso de Difusão: Língua e cultura brasileiras para alunos em intercâmbio* que ocorreu na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo no segundo semestre de 2019.

Como referencial teórico, para as transcrições das conversas, mobilizamos, entre outros teóricos, Sacks, Schegloff e Jefferson (2003), que apresentam um conjunto de propriedades que organiza a tomada de turno na conversação. Eles apresentam um modelo com 14 itens que são comuns a qualquer operação básica de conversação. Para analisar os casos de interrupções, nos fundamentamos em Bazzanella (1992) e Marcuschi (2003), que apresenta orientações acerca da transcrição das conversações, retoma a organização proposta por Sacks e outros sobre a organização do turno conversacional e discute acerca dos marcadores conversacionais.

Para a análise linguístico-discursiva, nos fundamentamos em Arnoux (2014), que aborda o conceito de minorização linguística, e em Aguilar (2015; 2018), que introduz a oposição entre línguas úteis e línguas inúteis, bem como o conceito de linguicídio. Osakabe (1999), que propõe considerar, para a compreensão do discurso, a relação instituída entre o locutor, o ouvinte e a situação em que o discurso é produzido; e Fiorin (1988), que aborda o conceito da linguagem como instituição social, instrumento de mediação e veículo das ideologias.

Como resultado, observamos um primeiro polo, em que as imagens de língua presentes nas falas dos estudantes estão atreladas a uma relação entre a valorização linguística e o neoliberalismo, e também à língua como espelho de uma imagem estandardizada e relacionada à gramática; e um segundo polo, que reflete a imagem de coexistência de línguas variadas, vivas e dinâmicas.

1 Situação de coleta e dados dos participantes

O *corpus* da pesquisa é constituído de trechos de conversações com estudantes do curso de extensão em ensino de português a estrangeiros ministrado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FEUSP. O contexto de coleta dos dados foi durante e após um passeio cultural com os estudantes.

Uma das professoras da turma acompanhou alguns estudantes a uma festa que os estudantes do Curso de Direito do Largo São Francisco organizam anualmente no mês de outubro, no centro de São Paulo. Depois da festa, uma

das estudantes convidou a turma a jantar num restaurante coreano para apresentar um pouco da culinária e costumes do seu país.

Os estudantes alunos tinham entre vinte e vinte e um anos de idade e estavam na graduação. O período de mobilidade acadêmica dos estudantes entrevistados foi de um ano. Kkoch, aluna vinda da Coreia do Sul, cursava Letras na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - FFLCH-USP, e Marco Daniel, estudante peruano, fazia intercâmbio na Faculdade de Educação - FEUSP. Os nomes dos participantes foram trocados por codinomes para manter suas identidades preservadas.

2 Transcrição e Análise do *corpus*

Para a escrita deste artigo foram selecionados alguns excertos da conversação que favorecem a análise proposta. Para exposição desta análise, optamos por reproduzir no artigo apenas os diálogos de conteúdo semântico, para acesso do diálogo na íntegra vide anexos. Também optamos por uma transcrição literal considerando os falares dos participantes, pois como defensores da pluralidade linguística, consideramos importante mostrar que a comunicação ocorre por meio de variantes que não são apenas as prescritas pelas normas. No excerto transcrito abaixo, Kkoch inicia um tema relacionado às línguas, ela discute a exigência das certificações exigidas na Coreia do Sul durante o período da graduação e para o ingresso no mercado de trabalho:

Quadro 1. Transcrição da conversação

Kkoch:	Na Coreia, tem assim... –muitos obrigações pra quando vai entrar empresa ou pra graduação. Por exemplo, eu tenho que ganhar, sabe Celpe-Bras? Celpe-Bras, mais alto nível e, pra, pra graduação é: ou: i:: si, também tenho que ganhar Toefl ou Toic, exames de Inglês.
Pesquisadora:	Sim, mas pra//pra quê: você precisa desses exames?
Kkoch:	Para a graduação.
Pesquisadora:	Pra você entrar na Graduação? Não? Durante a graduação?
Kkoch:	Durante a graduação. Para terminar a universidade.

Fonte: Dados transcritos de parte de conversa com estudante do Curso de Extensão Língua e Cultura Brasileiras para Alunos em Intercâmbio.

Kkoch expõe que, para ser admitido numa empresa ou durante a graduação, o aluno precisa ser aprovado em exames que certificam a proficiência em línguas estrangeiras, como o Toefl ou o Toic, no caso do Inglês,

e o Celpe-Bras, no caso do Português. Enfatiza ainda que o nível de proficiência exigido é o mais alto.

Segundo a estudante, que optou pela habilitação em Língua Portuguesa no curso de Letras, além do Celpe-Bras, certificação que comprova a proficiência de estrangeiros na Língua Portuguesa de variante brasileira, no nível mais alto; ela também precisa comprovar alta proficiência em Inglês, por meio de um dos certificados como os anteriormente mencionados, para que possa concluir a faculdade e receber o diploma.

Aqui observamos a imagem de uma língua vinculada a certificações, para que uma língua seja considerada língua, ela precisa de uma certificação comprobatória. Depois, ela explica as etapas de seleção de uma empresa para a contratação de um candidato:

Quadro 2. Transcrição da conversação

Kkoch:	Por isso. E se eu qui//quero trabalhar numa empresa, há obrigação, obrigatório, obrigação.
Pesquisadora:	Obrigatório.
Kkoch:	Obrigatório, eles (incompreensível) assim, você, antes desse ano, você tem que, menor desse ano. Por exemplo, eu tenho que ganhar, sabe Celpe-Bras? Celpe-Bras, mas alto nível e, pra, pra graduação é: ou: i:: si, também tenho que ganhar Toefl ou Toic. Primeiro é assim, você, ah: se você é homem, tem que terminar o militar. E:: cê tem que:: cê tem que: —encaminhar esse diploma e tem que Toefl e: depois de essa obrigação, obrigatório, vai fazer <i>interview</i> . Primeiro <i>interview</i> e segundo entrevista. E último é: tem mais entrevista ou último.
Pesquisadora:	Nossa!
Kkoch:	É mu:::ito difícil na Coreia, agora não tem muito trabalho.

Fonte: Dados transcritos de parte de conversa com estudante do Curso de Extensão Língua e Cultura Brasileiras para Alunos em Intercâmbio.

Nota-se, por sua fala, que o nível de exigência das empresas é alto devido à escassa quantidade de empregos. Há muitas pessoas, mas não há empregos para todas, o que permite que os *melhores qualificados* sejam admitidos. Uma das exigências dessas empresas para a contratação de empregados é que eles tenham proficiência em Inglês, a língua, por assim dizer, do capital.

Nesse sentido, podemos observar que a imagem presente nesse excerto, se relaciona com a noção de utilidade de uma língua. Aguilar (2018) aponta que essa noção de que algumas línguas são mais úteis enquanto outras são inúteis é incutida por meio de políticas colonialistas que constroem a ideia de

que aprender, por exemplo, línguas francas são mais úteis, no entanto salienta que a suposta utilidade das línguas não é um critério linguístico, afinal, todas as línguas são úteis para as comunidades dos falantes que as utilizam.

Pela perspectiva de conseguir emprego em seu país, Kkoch viu na aprendizagem de línguas estrangeiras a possibilidade de garantir um trabalho:

Quadro 3. Transcrição da conversação

Kkoch:	(é muito difícil). É por isso eu –pense:i aprender língua. É mais fácil pra (angariar) trabalho.
Pesquisadora:	Sim.
Kkoch:	Porque –se eu aprender essa língua, (incompreensível) é: um trabalho, uhum.
Pesquisadora:	Sim.
Kkoch:	Num país. ãh:, eu pensei assim.

Fonte: Dados transcritos de parte de conversa com estudante do Curso de Extensão Língua e Cultura Brasileiras para Alunos em Intercâmbio.

Embora a língua estrangeira esteja atrelada à possibilidade de conseguir um trabalho, esse trabalho está vinculado ao mundo corporativo. Quando Kkoch diz que pensou em aprender língua, é possível cogitar a docência como mais uma área de trabalho, no entanto na transcrição abaixo vemos que essa carreira não é a desejada pela estudante:

Quadro 4. Transcrição da conversação

Kkoch:	Eu não pense:i, eu gosto de Língua Coreano, mas eu não gosto de:: dar aula
Pesquisadora:	Ah: é:?
Marco Daniel:	De Coreano?
Kkoch:	É que: é:: cansado pra::, si eu senti divertido também, mas é mais cansado pra dar: informações com certeza, com ãh:: que é muito:, eu não tenho que dar informações que é errado. Sempre eu tenho que falar boas coisas, não é (supor) as coisas que é certo. Mas esse ano, antes de fazer (treinta ano), meu professor da f//Português me pedi pra: encontrar pro//professora da: Coreana. Encontrei, mas ela me pediu uma estagiária pra dar: aula pra: USP, pra língua (incompreensível) ãh: Sul-Coreana. Por isso tô//to dando duas au//dois ua//duas du:as aulas.
Pesquisadora:	Que legal!
Kkoch:	Mas ((pausa)) olha eu também estudante de Língua Portuguesa, na terceira ano. Na Coreia precisa ter quatro anos.
Pesquisadora:	São quatro anos?
Kkoch:	Eu só três anos. Ah não é três anos, terceiro ano! Mas eu também, uma estu//estudante na Coreia. Tô dando aula pra: estudante de USP. Por isso eu senti mu::ito:: –Não é vergonha

Pesquisadora:	Responsabilidade
Kkoch:	Sim. –Eu fico muito confuso e: como eu fazer, como eu fazer, (não sei se muito) (incompreensível) assim um pouco: cansa:do porque eles são, eles são Ensino Médio.
Pesquisadora:	Ãhã. Ensino Médio?
Kkoch:	É:: Estudante de universitário?
Pesquisadora:	Ah:: estudante de graduação.
Kkoch:	Sim. É. Primeiro ano. Eles, e:: três ou quatro anos pra:: por isso. É: só: Cultura e Língua Coreana. É bem confuso pra mim também, por isso. Mas eu tenho que traduzir tudo os matérias pra: explicar. Esse e: fo// e: outra: aula, essa de: gramática. Então em gramática eu também tenho que estudar. Por isso, às vezes eu penso iss:. Ãh: sou estudante de Língua Portuguesa no Brasil, eu tô estudando Língua Coreana de gramática. É muito engraçado (risos) pra mim (incompreensível)

Fonte: Dados transcritos de parte de conversa com estudante do Curso de Extensão Língua e Cultura Brasileiras para Alunos em Intercâmbio.

O primeiro ponto destacado é que quando ela fala em lecionar, não se refere a ensinar línguas estrangeiras, mas a ensinar sua língua nativa. Talvez isso se deva pelo fato de estar ministrando aulas de Coreano na universidade. Segundo a estudante, ela foi convidada a dar aulas de Sul-Coreano duas vezes por semana para os alunos de graduação que fazem Letras nesta habilitação.

Para ela, dar aulas, embora seja divertido, é cansativo. Ela reclama que o mais cansativo é *dar informações com certeza*, e demonstra preocupação em não transmitir informações erradas. Kkoch ainda diz: *Sempre eu tenho que falar boas coisas, não é (supor) as coisas que é certo*, essa passagem demonstra que ao lecionar, se preocupa em embasar o que ensina com o que é *correto*, quando diz que *sempre tem que falar coisas boas* ela se refere a ensinar o que é correto.

Essa frase expressa a imagem que Kkoch tem do professor e do ensino de uma língua. Ela é falante nativa de Sul-Coreano, no entanto, valoriza mais o que os livros de Coreano dizem a respeito de sua língua do que o seu próprio conhecimento a respeito dela. Isso demonstra que a visão de língua que ela tem, é a da língua standardizada, prescrita por manuais, como se o que ela falasse não fosse língua. Kkoch ignora o conhecimento que tem do seu próprio idioma, lançando mão de materiais que ditam a *língua correta*.

Seu cansaço também pode ser fruto dessa busca por *aprender* mais uma língua, a Língua Sul-Coreana, que não é a que a aluna tem familiaridade. Então, embora ministre apenas duas aulas semanais, ela precisa estudar muito essa *nova língua* para ensiná-la. Então, além de estudar a Língua Portuguesa, estudar

para as disciplinas que cursa, preparar as aulas de Sul-Coreano e ministrá-las, ela, ao preparar essas aulas, aprende uma variedade da sua língua na qual ela não tem tanto domínio e, por isso, precisa estudá-la, o que deve demandar da aluna muito tempo e esforço. Ela confessa que sente esse trabalho como uma tarefa que exige grande responsabilidade pelo fato de seus alunos serem estudantes universitários do primeiro ano, fator este – estudantes do primeiro ano – que ela atribui o motivo de seu cansaço

Kkoch admite em alguns momentos ficar *confusa*, como no excerto: *Eu fico muito confuso e como eu fazer, como eu fazer, (não sei se muito)*; e no excerto: *(incompreensível) assim um pouco cansado porque eles são, eles são Ensino Médio e É só cultura e Língua Coreana. É bem confuso pra mim também, por isso*. Ambas passagens demonstram essa *confusão* vinculada ao ensino da língua. No primeiro excerto, ela expressa que, pelo fato de seus alunos serem iniciantes na aprendizagem da Língua Sul-Coreana, ela fica confusa em como ensinar-lhes. Na segunda passagem, ela diz que o curso é de língua e cultura Coreanas e, por isso, para ela é bem confuso. Vemos, assim uma imagem de língua desvinculada da cultura. Aqui, Koch revela que se sente confusa em como ensinar-lhes porque pelo fato de serem alunos que sabem muito pouco, ela tem dificuldade em assimilar que o ensino da língua perpassa pela cultura e sente dificuldade quando categoriza língua de um lado e cultura de outro.

As aulas por ela ministradas são baseadas eminentemente em traduções, ela diz: *Mas eu tenho que traduzir tudo os matérias pra explicar*. Sua fala abre duas possibilidades de interpretação: a) durante as aulas, ela fala em Português as explicações da Língua Coreana e chama isso de tradução; b) ao preparar suas aulas, ela faz um trabalho de tradução *ipsis litteris* do conteúdo a ser ensinado. Pensando no significado de tradução como um ato de trasladar certa informação de uma língua a outra, pressupõe-se que o que Kkoch faz em suas aulas está relacionado à interpretação b), o que exige da estudante um trabalho descomunal. Kkoch não se dá conta de que ela pode ensinar sua língua nativa em Português sem necessariamente fazer o trabalho de trasladar de uma língua a outra o que pretende explicar, afinal ela tem fluência em ambos os idiomas.

Depois, volta a falar sobre a gramática da língua e da necessidade que ela tem de estudá-la para ensinar, novamente surge aqui a imagem da língua vinculada à gramática. Ao dizer que precisa estudar gramática ela demonstra:

a) que a língua que ensina não é a que conhece e por isso precisa recorrer à prescrição; b) o Sul-Coreano, assim como o Português brasileiro, não é uma língua em que a gramática reflete a língua dos Falantes, se assim o fosse, Kkoch não precisaria *estudar* a sua língua; e c) não reconhece a sua variante como língua, pois explicita o paradoxo de ser estudante de Língua Portuguesa, estar no Brasil, mas ter que estudar a gramática da Língua Coreana. No fragmento seguinte, a professora inicia um novo tópico, ela questiona se nos países dos alunos, há o ensino de língua materna na Educação Básica:

Quadro 5. Transcrição da conversação

Pesquisadora:	E:: tanto na Coreia quanto no Peru, que nem aqui:: no Brasil, quando a gente tá na escola, a gente aprende Língua Portuguesa, e é engraçado porque todo mundo fala Português. Toda criança fala Português.
Kkoch:	Sim, na Coreia (incompreensível).
Pesquisadora:	[E ela aprende é:, a Língua Portuguesa, porque vai aprender as regras, né? Essas coisas assim. É:: quando vocês estudaram, cês percebem a diferença entre o que tá escrito na gramática e como as pessoas falam? Cês percebem que tem diferença?
Kkoch:	Sim.
Pesquisadora:	E como que é no Peru e na:: e na Coreia, assim?
Kkoch:	Diferentes de som e:: escribir?
Pesquisadora:	Em escrita, ou as palavras, assim.
Kkoch:	Na Coreia tem mu:ito.
Pesquisadora:	Tem?
Kkoch:	Si. E na Coreia te: dois tipos de:: madeira.
Pesquisadora:	Madeira?
Kkoch:	Jeito.
Pesquisadora:	Maneira!
Kkoch:	Maneira! Se eu falá pra adultos o que é, eu tenho que falar um jeito de informal, ah: formal, mas se eu falo mais novo do que eu, eu posso falar informal pra ele. Cada, –cada tem palavra, mas tem que tá igual. É pra s//estudantes também quando é:: muito difícil.

Fonte: Dados transcritos de parte de conversa com estudante do Curso de Extensão Língua e Cultura Brasileiras para Alunos em Intercâmbio.

Ao perguntar se nos países dos alunos há o ensino da língua materna na Educação Básica, a professora chama a atenção para a questão de no Brasil haver diferença entre a língua escrita e a língua oral e questiona se há isso no Peru e na Coreia do Sul. Kkoch então confirma se a diferença é entre o som e a escrita e responde que em seu país há muita diferença. Ela envereda para a explicação das formas de elocução e comenta que na Coreia do Sul há dois

registros: o formal, utilizado para conversar com pessoas mais velhas que o falante; e o informal, que pode ser usado com pessoas mais jovens.

Na fala *Cada*, –*cada tem palavra, mas tem que tá igual* subentende-se que cada forma tem um vocabulário específico, com palavras próprias, mas que compartilham de significados comuns. A seguir, a professora lhe pergunta quantas línguas há na Coreia do Sul:

Quadro 6. Transcrição da conversação

Pesquisadora:	E quan//quantas línguas tem o Peru? No peru, olha! Desculpa, na Coreia!
Kkoch:	Sim, na Coreia (incompreensível).
Pesquisadora:	E ela aprende é:, a Língua Portuguesa, porque vai aprender as regras, né? Essas coisas assim. É:: quando vocês estudaram, cês percebem a diferença entre o que tá escrito na gramática e como as pessoas falam? Cês percebem que tem diferença?
Kkoch:	Quantas línguas?
Pesquisadora:	É, é só o Coreano?
Kkoch:	No entendo, como assim?
Pesquisadora:	Por exemplo, no Peru, tem o Espanhol, eu não sei se ainda tem o Quéchua, mas tem outras línguas. É: Na Coreia é só o Coreano?
Kkoch:	Coreano, Inglês e até pessoas estar conseguindo (incompreensível) Espanhol. Espanhol. Muitas pessoas fala muitas línguas, mas línguas, Inglês é: básico.

Fonte: Dados transcritos de parte de conversa com estudante do Curso de Extensão Língua e Cultura Brasileiras para Alunos em Intercâmbio.

A aluna teve dificuldade em compreender a pergunta da professora sobre quantas línguas se falavam em seu país. Embora a pesquisadora tenha dado um exemplo elucidativo, Kkoch continuou sem compreender o que a professora lhe perguntava e lhe respondeu que além do Coreano, as pessoas também falavam Inglês, podiam falar outras línguas, mas o Inglês é uma língua muito usada no país.

Quando Kkoch responde que o Inglês é uma língua muito falada na Coreia, além do Coreano, ela não compreende a língua como uma manifestação que emana das comunidades. As pessoas na Coreia falam Inglês, não porque comunidades de países anglófonos para lá se dirigiram e a língua se tornou popular devido a essa influência, mas a falam por uma imposição econômica e pela necessidade de comunicação para o estabelecimento de laços, sobretudo, comerciais. A professora então lhe pergunta se a língua falada em seu país é a mesma falada no país vizinho:

Quadro 7. Transcrição da conversação

Pesquisadora:	Tá, outra dúvida que eu tenho é:, o: co// na Coreia do Norte é a mesma língua que se fala na Coreia do Sul?
Kkoch:	É:: se eles falam, eu falo, eu consigo entender, mas não posso entender tudo. É semelhante, tudo. Língua Portuguesa e Língua Espanhola. Pode pensar assi. Tá a palavra outros, mas às vezes, tá a palavra igual. Ah: e: tem outros sotaques e outro som

Fonte: Dados transcritos de parte de conversa com estudante do Curso de Extensão Língua e Cultura Brasileiras para Alunos em Intercâmbio.

Koch relata que é possível compreender o Norte-Coreano, mas não na sua integralidade. Ela afirma que há palavras em comum nas duas línguas e outras bastante diferentes. Diz também que o Norte-Coreano tem outros sotaques e sons diferentes do Sul-Coreano. Compara o Sul e o Norte-Coreano com o Português e o Espanhol, estabelecendo uma analogia de proximidade entre essas línguas orientais e as neolatinas mencionadas. A pesquisadora, então, se dirige a Marco Daniel para saber como é em seu país:

Quadro 8. Transcrição da conversação

Pesquisadora:	Ah tá. E como que é no Peru?
Marco Daniel:	É: a gente não estuda: o Espanhol
Pesquisadora:	Não? Na escola?
Marco Daniel:	Não. EU acho que é necessário estudar o Quéchuá, né? Porque: as pessoas tão esquecendo do idioma: nativo: e formam parte da história do Peru.
Pesquisadora:	E ensinam Quéchuá na escola? –Também não?
Marco Daniel:	Não.
Kkoch:	E:: is//eu estou pensando –porque em seu país é:: acho que:: as pessoas (incompreensível) se sentem muito orgulhosas de: ser coreano ou não? É:, mas você//você também tem, né? Sobre (incompreensível)
Marco Daniel:	(incompreensível)E:: orgulho, eu tenho sim, mas não tudo o pessoal tem, porque – as pessoas que eu pergunto tem vergonha de ser peruano e:: ultimamente as pessoas que estão morando em cidades pequenas, é:, falam muito que a vida é muito melhor em cidade cidade mais grande. e:: vão lá e:: às vezes não dá certo. As pessoas morrem, fica sem emprego, (fica mi) família e:: o pequeno, as crianças morre de fome, também//também eles acham que ficar numa cidade pequena é:: é ruim. Então eles sentem, s//sentem vergonha de:: de Peru praticamente. porque siguem em cidade pequena, não tem uma possibilidade de sair, imagi//imaginam uma cidade meio grande, é pior. Então, o problema é Peru. Eles falam isso. Então, não gosta do idioma nativo, que é Quéchuá, basicamente não gostam. É: o Aimara é um pouco e:: existem outros idiomas que estão se perdendo um pouco.

Pesquisadora:	Qual é, o Quéchuá e o?
Marco Daniel:	Aimara.
Pesquisadora:	Aimara?
Marco Daniel:	O Aimara tem, (incompreensível) do tipo: austral// não australiano não. Sim, australiano. (risos) É: muito parecido, tem palavras (camissarai) que é: (incompreensível), (Kami) falou e: (camissarai) que (ele) falou umas palavras muito parecidas, tem muito significado. Então, é:: são línguas que estão se perdendo e:: perdendo.
Pesquisadora:	E você fala uma delas?
Marco Daniel:	É, eu fale:i, tentei aprender Quéchuá. Não consegui tudo, mas é: eu (assino de Fernando)
Pesquisadora:	Ãhã, e seus pais falam?
Marco Daniel:	Me: minha mãe.
Pesquisadora:	Sua mãe fala Quéchuá?
Marco Daniel:	Minha mãe fala// fala Quéchuá:: e Espanhol. Meu pai:: em verdade, nasceu em Peru, mas nem todo Peru fala Quéchuá. E nem todo grupo fala em (incompreensível) somente Espanhol, nessa parte de Peru falam: eh: como é que é o idioma da selva. Eu não lembro o nome, ma::s é um que se chama Peruano também. E que também se está perdendo. Aqui na// no sul, onde eu moro tem: Quéchuá e aqui tem Aimara, e aqui a Bolívia. Então, meu pai, é: nascido aqui. Ele não fala Quéchuá, nem Aimara. Nessas cidades não existe. Minha mãe (gosta) aqui no norte do:: da minha cidade e ela fala Quéchuá, mas o Quéchuá que está: na: no norte do:: da minha cidade, da minha região é muito diferente o: a Quéchuá: do (Olímpia). Muito diferente, como Espanhol e Português. Então, é:: son idiomas que estão se perdendo. Ninguém estuda o Quéchuá, ninguém estuda Aimara, e:: ainda Espanhol ainda não. E acho quem não tem muito orgulho do seu país. Todo mundo quer sair, quer é: desaparecer! Logo (incompreensível). Que não (incompreensível) da (incompreensível) história. (incompreensível)
Pesquisadora:	E tem bastante línguas indígenas, né? Lá também
Marco Daniel:	É: acho que tem é: algo de sete, oito línguas indígenas, mas em Quéchuá e Aimara tem (por aqui mais) (incompreensível) do Peru. Aqui tá bem para que, ao seu redor.
Pesquisadora:	Mas a língua oficial é só o Espanhol?
Marco Daniel:	Espanhol.
Pesquisadora:	Só? Eu pergunto porque:: o Paraguai, que é um país que faz fron// é vizinho aqui do Brasil, é:: tem o Espanhol, como a língua oficial e tem o Guaraní também, –é:: uma língua indígena da região.
Marco Daniel:	É:, mas é:: oficial da (incompreensível).
Pesquisadora:	Ãhã:, é: oficial.
Marco Daniel:	(Não) a oficial seria: a Quéchuá, mas eu, ãh: (incompreensível) é: quase:, como se fosse São Paulo falando Quéchuá, mas eles (não) me ensinaram a falar Quéchuá por vergonha. E quando alguma criança nasce e alguém que ainda foi ensinaria ãh: a matemática em Quéchuá, eles dizem 'Não vão falá em Quéchuá, fala em Espanhol'. Então, é: então não gostam do//do seu próprio idioma. Isso eu acho que é ruim.

Pesquisadora:	(Sim).
Kkoch:	(incompreensível)
Marco Daniel:	Isso é problema (incompreensível).

Fonte: Dados transcritos de parte de conversa com estudante do Curso de Extensão Língua e Cultura Brasileiras para Alunos em Intercâmbio.

De acordo com Marco Daniel, o Quéchuá, um idioma nativo falado nas regiões andina e amazônica do Peru, deveria ser ensinado em seu país. Ele justifica a necessidade de se ensinar Quéchuá pelo fato de o idioma estar se perdendo e a população esquecendo-se dessa língua que, segundo ele, forma parte da história peruana.

O estudante também declara que, apesar de ele sentir orgulho de ser peruano, nem todas as pessoas do Peru sentem o mesmo. Ele relata que as pessoas as quais já questionou sobre esse tema confessam sentir vergonha. Explica também que um dos fatores é a emigração das populações de pequenas cidades para os grandes centros urbanos. Movidas pelo desejo de melhores condições de vida, se mudam com suas famílias na esperança de uma vida melhor, no entanto, muitas vezes, as condições oferecidas pelas metrópoles são inóspitas e piores do que as que eles tinham antes. Desemprego e falta de possibilidade de sustentar-se acarretam, inclusive, que as pessoas morram de fome. Ao mesmo tempo, famílias que permanecem nas pequenas cidades, sem possibilidade de sair, seguem com o imaginário de que a vida fora é melhor e se sentem insatisfeitos em viver em suas regiões.

Para Marco Daniel, essa vergonha cria na população uma recusa à(s) sua(s) língua(s), que estão se perdendo devido ao fato de não serem transmitidas às novas gerações. Ao ser inquirido se falava alguma língua peruana, o estudante diz que tentou aprender Quéchuá, mas não fala perfeitamente, porém sua mãe fala Quéchuá e Espanhol e seu pai fala apenas o Espanhol. Ele explica que a região onde seu pai nasceu não fala Quéchuá, mas o Espanhol e outra língua nativa que denomina como *idioma da selva*, que também está se perdendo. Inicia então uma explicação da localização geográfica de algumas línguas do Peru, no sul do país há o Quéchuá e também o Aimara, idioma também falado na Bolívia. Marco Daniel também comenta que o Quéchuá falado no norte da sua cidade é muito diferente do Quéchuá de outra região e estabelece como parâmetro de comparação o Espanhol e Português.

Se analisarmos as duas comparações feitas pelos alunos, notamos que embora o parâmetro seja o mesmo, a concepção de língua diverge. Enquanto Kkoch usa o Espanhol e o Português para comparar a semelhança entre o Sul-Coreano e o Norte-Coreano, Marco Daniel os utiliza para enfatizar a diferença entre as variações do Quéchuá falado em distintas regiões. Esses exemplos permitem refletir acerca das variações e das denominações dadas às línguas. Para Kkoch, o Norte e o Sul-Coreano são idiomas diferentes, mas que apresentam semelhanças entre si. Para Marco Daniel, o Quéchuá é uma língua que apresenta diferenças bastante grandes, podendo suas variantes serem comparadas a outros idiomas.

Marco Daniel ressalta que no Peru há cerca de sete ou oito línguas indígenas, mas que o Quéchuá e o Aimara são as que têm o maior número de Falantes, no entanto, ele retoma a falta de valorização das línguas indígenas e confessa: (...) *mas eles (não) me ensinaram a falar Quéchuá por vergonha, e quando alguma criança nasce e alguém que ainda foi ensinaria ãh: a matemática em Quéchuá, eles dizem 'Não vão falá em Quéchuá, fala em Espanhol.'* , Então, é: *então não gostam do//do seu próprio idioma.* Esses excertos retratam o que Aguilar (2015) denuncia estar havendo no México com relação às línguas nacionais. Segundo a autora, existe uma discriminação das línguas autóctones que as está conduzindo à extinção.

Aguilar afirma que o uso de uma língua franca jamais atentou contra a diversidade linguística:

En determinados contextos sociales, el hecho de acceder a lenguas francas no supone el abandono de la propia lengua. Cuando un hablante de holandés aprende inglés no abandona su lengua materna ni deja de transmitirla a sus hijos con el argumento de que ahora ya no necesita de su primera lengua. Esto demuestra que las razones para aprender nuevas lenguas pueden ser variadas, pero la razón para que comunidades enteras de hablantes dejen de usar y transmitir una lengua es casi siempre la misma: la discriminación sistemática y la violación de derechos humanos que sufren sus hablantes. (AGUILAR, 2015, v. 290, Poliedro)

De acordo com Launey (*apud* AGUILAR, 2015) a discriminação das línguas está relacionada “a la existencia de Estados monolingües en contextos sociales multilingües”. A ideologia dos Estados-nação inculca a noção de unidade, o que acarreta uma visão de suposta homogeneidade lingüística. “Son Estados con comportamientos monolingües que están en contra de la existencia en su

interior de naciones diversas que se comunican en lenguas distintas" (LAUNEY *apud* AGUILAR, 2015).

A autora afirma que há uma falsa oposição entre línguas indígenas e línguas estrangeiras, como se não houvesse línguas indígenas no estrangeiro. Ela cita exemplos da diversidade linguística presente em países como França, Argentina, Noruega e Estados Unidos que não são consideradas línguas oficiais. Para ela:

Las lenguas indígenas son aquellas lenguas que hablan naciones que no formaron Estados nacionales y que sufrieron colonialismo, estos Estados en la mayoría de los casos han combatido o discriminado a los hablantes de lenguas distintas a las que usa el estado en cuestión. Por eso, parafraseando al lingüista Max Weinreich, digo que una lengua indígena es una lengua sin ejército y marina. De esta manera, lengua indígena es una categoría política e histórica de ciertas lenguas, un asunto social, no gramatical. Todas las lenguas del mundo son igual de complejas y completas. (AGUILAR, 2018, blog de la semana)

Nesse sentido, ela acrescenta que essas políticas colonialistas, de certa forma, incutem a ideia de que aprender línguas *francas* são mais úteis, no entanto salienta que a suposta utilidade das línguas não é um critério linguístico, afinal, todas as línguas são úteis para as comunidades dos falantes que as utilizam. Essa ideologia de que há línguas mais úteis que outras é um artifício que convence os falantes das línguas minorizadas de que sua língua não tem utilidade e que falar a língua de maior prestígio lhe traz mais benefícios. Isso é tão perverso que provoca o que a autora denomina de *linguicidio*, ou seja, uma discriminação tamanha a ponto de fazer com que a língua possa vir a entrar em extinção.

Marco Daniel, ao relatar que na sua cidade, as pessoas mais velhas preferem que os jovens não aprendam Quéchua, mas Espanhol, nota-se justamente, o linguicismo imposto a esses falantes. Para eles, o Quéchua não tem utilidade, e acreditam que seus filhos precisam aprender apenas o Espanhol, não cogitam a coexistência de ambas as línguas. Nesse sentido, se pensamos na imagem que Kkoch tem acerca do Norte-Coreano, notamos que, por mais que ela constate as semelhanças linguísticas entre os dois países, ela não cogita que possam ser um mesmo idioma com variações regionais, pois vê a língua sob o espectro de uma língua nacional, assim a Coreia do Sul, tem a sua própria língua, bem como a Coreia do Norte também tem a dela.

Considerações finais

Dessa forma, podemos depreender na análise discursivo-linguística da fala de Kkoch uma imagem de língua vinculada ao nacionalismo. Ela diz que tentou aprender Chinês, mas que não gostou da língua e após uma discussão gerada por Marco Daniel sobre a questão de um sul-Coreano se ofender ao ser confundido com um chinês ou japonês, e vice-versa, ela confessa que ela e suas amigas não gostam de ser confundidas com essas nacionalidades. Subjetivamente, podemos relacionar a falta de interesse pela Língua Chinesa com a questão conflituosa que há entre seu país e aquele.

Ela também apresenta uma imagem de língua vinculada à standardização linguística que ocorre de duas formas: a) por meio de exames que atestam a proficiência de um falante em determinado idioma, dessa forma, a língua ensinada é a exigida por esses exames; b) a língua prescrita por manuais e vinculada à gramática. Para ensinar a sua língua Kkoch não leva em conta os seus conhecimentos sobre ela, antes estuda demasiadamente a gramática do Sul-Coreano para ensiná-la aos seus alunos, como se a língua fosse a prescrita pelas normas e não a que ela fala. Outra imagem exposta por Kkoch é a da aquisição de uma língua vinculada ao mercado de trabalho. Surge a imagem de uma língua utilitarista, nesse caso, uma língua que seja útil ao capital e que possa propiciar mais possibilidades de inserção laboral.

A última imagem que a aluna demonstra ter é a da língua homogênea, uma, a língua única que os Estados-nação incutem em seus habitantes. Ela não identifica que, embora Coreia do Norte e Coreia do Sul, sejam hoje países diferentes, compartilham mesma língua, ao passo que dentro de seu próprio país, ademais de variantes próximas e compreensíveis ao Coreano, há uma língua bastante diferente falada numa ilha ao sul da Coreia do Sul, o Jeju.

E, finalmente, observa-se que Marco Daniel apresenta algumas imagens de língua que diferem de sua colega. A imagem central que permeia o imaginário desse estudante é a de multilinguismo. Para ele, é fundamental valorizar as línguas minorizadas e não permitir que elas morram, para isso, defende o ensino de Quéchuá nas escolas para que as novas gerações tenham acesso a essa língua. De forma semelhante à Kkoch, ele também vê a língua como um fator de pertencimento a uma nação, mas num sentido oposto ao expressado por ela. Enquanto Kkoch não gostava da Língua Chinesa devido

aos conflitos entre China e Coreia do Sul, Marco Daniel deseja que no Peru a Língua Quéchuá seja difundida pois ele se sente pertencente a esse povo e tem orgulho dele. Assim como deseja que a língua de seu povo seja valorizada, defende que as outras línguas faladas no Peru também sejam. Para Marco Daniel, é possível que as línguas coexistam no mesmo espaço. Para ele, falar Quéchuá é tão importante quanto falar Espanhol.

Diferentemente de Kkoch, Marco Daniel não compartilha da visão monolíngue imposta pelo Estado, inclusive percebe as diferenças que há entre a Língua Quéchuá do norte de Puno e de outras regiões do Peru. Para ele o Quéchuá não é uma língua una e homogênea e chega a compará-la com o Português e o Espanhol para exemplificar que pode, inclusive, ser considerada uma outra língua, tamanha as especificidades de cada variante.

O que deduzimos dessas análises é que, embora as imagens de língua sejam múltiplas e diversas entre os estudantes, todos apresentam convergência entre a imagem da Língua Portuguesa e a imagem da sua língua nativa. A estudante que vê a língua homogênea e una, prescrita por normas e regras gramaticais, compartilha desta imagem na sua língua nativa e também nas outras línguas que aprendeu. Assim como o estudante que defende o multilinguismo no seu país não compartilha desse sistema imposto por regras, nem no Espanhol, nem no Quéchuá e nem no Português, mas vê as línguas como manifestação humana que carregam complexas identidades culturais, sociais, econômicas, históricas e geográficas porque as línguas são vivas e dinâmicas.

Referências

- AGUILAR, Yásnaya. ¿Es México un país multilingüe?. **Este País**, Ciudad de México, v. 290, 1 jun. 2015. Poliedro. Disponível em: <https://archivo.estepais.com/site/category/ep/>. Acesso em: 29 dez. 2019.
- AGUILAR, Yásnaya. Ayuujk: ¿Lenguas útiles y lenguas inútiles? **Este País**, Ciudad de México, 6 ago. 2018. Blog de la semana. Disponível em: <https://anterior.estepais.com/articulo.php?id=1688&t=ayuujk-lenguas-utiles-y-lenguas-inutiles>. Acesso em: 29 dez. 2019.
- ARNOUX, E. N. Minorización Lingüística y Diversidad: en Torno al Español y al Portugués como Lenguas Científicas. In: Seminário Ibero-americano da Diversidade Lingüística, Foz do Iguaçu, 2014. **Anais**. Foz do Iguaçu: Universidade Federal da Integração Latino-Americana, 2014. P. 290-306.
- BAZZANELLA, C. Le interruzioni. In: BAZZANELLA, Carla. **La facce del parlare**: Un approccio pragmatico all' italiano parlato. Firenze: La Nuova Italia, 1994. p. 175-205.
- FIORIN, J. L. **O regime de 1964**: discurso e ideologia. 1. ed. São Paulo: Atual, 1988. v. 1. 158p.
- MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- OSAKABE, H. **Argumentação e Discurso Político**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SACKS, H. et al. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. VEREDAS : **Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v. 7, n. 1 e 2, p. 9-73, jan./dez. 2003.

Anexos

Anexo I – Transcrição Integral da Conversação com os estudantes

1.	Pesquisadora:	e:: – Mas porque que você escolheu ah o Português do Brasil? Pela questão da sonoridade ou tinha alguma outra coisa que: não sei, te despertou assim:
2.	Kkoch:	hum:: Por que eu escolheu o Português do Brasil?
3.	Pesquisadora:	isso!
4.	Kkoch:	é: mais musicalidade do que Português do Portugal
5.	Pesquisadora:	ãhã. Entendi. E cê já conhecia alguma coisa, tipo, de cultura, assim:: do Brasil?
6.	Kkoch:	non, – dando pra entender
7.	Pesquisadora:	ãhã. Mas lá não?
8.	Kkoch:	(incompreensível) dando (incompreensível)
9.	Pesquisadora:	ãhã
10.	Kkoch:	mas minha amiga me falou
		((pausa))
11.	Kkoch:	minha amiga falou o Português do Brasil
12.	Pesquisadora:	ãhã
13.	Kkoch:	em Portugal. Quando
14.	Pesquisadora:	ãh?
15.	Kkoch:	Português do Brasil em Portugal
16.	Pesquisadora:	ãhã
17.	Kkoch:	mas as pessoas, Português, falou assim ‘Por que você fala Português do Brasil?’ (incompreensível)
18.	Pesquisadora:	sério?
19.	Kkoch:	(ela não) fala nada
20.	Pesquisadora:	ãhã
21.	Kkoch:	e:: Português tenta (falar diferen//)
22.	Pesquisadora:	sério?
23.	Kkoch:	por isso, minha amiga non pratiquei, pra[ticou muito
24.	Pesquisadora:	[ãhã. Sério?
25.	Kkoch:	por isso eu non preferi Português
26.	Pesquisadora:	ãhã
27.	Kkoch:	e:: nós queremos (a isBresil) pra horária e aprender cultura
28.	Pesquisadora:	e a sua amiga quando ela foi pra Portugal, ela foi pra treinar o Português? E aí os portugueses reclamavam, assim?
29.	Kkoch:	reclamavam?
30.	Pesquisadora:	é:: não gostavam
31.	Kkoch:	não gostam deles
32.	Pesquisadora:	ah::
33.	Kkoch:	lá não gostam
34.	Pesquisadora:	ãhã
35.	Kkoch:	e no Brasil eu não falo Português. Pessoas não vai: –comum, pessoas comuns não vai entender, por isso, eu tenho que tentar, ta? Aprender Português
36.	Pesquisadora:	ãhã
37.	Kkoch:	(quando) (incompreensível -al)
38.	Pesquisadora:	sério?
39.	Kkoch:	a minha amiga não fala bem Português. Ela fala (as-) (incompreensível), fala Inglês
40.	Pesquisadora:	peráí
		((pausa))

41. Pesquisadora: e:: Marco Daniel, por que você escolheu vim estudar no Brasil?
42. Marco Daniel: hum:: → Na verdade é que eu não sei. Hum →Porque// eu não sou o pior nem → sou um aluno que →fez Português, uma pesquisa como qualquer outra pessoa, né?
43. Pesquisadora: cê estudou Português lá?
44. Marco Daniel: sim. Eu estudei, e:: um dia, eu no sei o nome do:: do:: professor mais velhinho ãh:: professor de Português
45. Pesquisadora: ah, ele é o professor Valdir
46. Marco Daniel: é, e ele veio pra minha faculdade lá
47. Pesquisadora: [ah:
48. Marco Daniel: [o ano passado. Então, não todos eles falam Português nem Espanhol, ãh:: então eu fui de: tradutor, né?
49. Pesquisadora: ah[::
50. Marco Daniel: [na minha faculdade. E este ano o professor me falou quer ir pra Brasil? Porque eu estudei uma pesquisa de:: programação cerebral, acho que ele gostou
51. Pesquisadora: u[hum
52. Marco Daniel: [e:: ele falou 'É, você pode ir →porque você fala: bem Português
53. Pesquisadora: ãhã
54. Marco Daniel: e:: está
55. Pesquisadora: puxa, [que legal!
56. Marco Daniel: [(risos). Somente por uma pesquisa::
57. Pesquisadora: não, somente não, isso é bem importante. ((pausa)) E:: e porque que cê começou a estudar Português?
58. Marco Daniel: é porque: hum: eu cheguei aqui há: seis anos atrás, de férias, somente duas semanas
59. Pesquisadora: ah é?
60. Marco Daniel: é. Eu gostei do Brasil, eu não tinha vontade de voltar daqui
61. Pesquisadora: ãhã
62. Marco Daniel: daí eu comecei a estudar. E:: o:: chegou a informação de uma vaga
63. Pesquisadora: ãh
64. Marco Daniel: estudei mais ainda
65. Pesquisadora: hum
66. Marco Daniel: e →e ao final:
67. Kkoch: deitxa isso!
68. Pesquisadora: é, não come. Tá. →Ãh
69. Marco Daniel: e o vestibular, passei, tudo, e eu →não consegui porque: o mínimo (estudei) da idade era dezesseis anos e eu tinha quinze com trezentos sessenta dias
70. Pesquisadora: ah::
71. Marco Daniel: a vaga é Cel// é: CelpeBrás
72. Pesquisadora: ((pausa)) sim, mas pra universi// pra universidade são dezes// é dezesseis anos?
73. Marco Daniel: pra meu país
74. Pesquisadora: ah:: tá:
75. Marco Daniel: então (eu tinha) quinze anos trezentos e sessenta dias
76. Pesquisadora: ãhã
77. Marco Daniel: e::: perdi a vaga. ((pausa)) Perdi a vaga. →Nossa, foi:: → Eu estudei mu:::ito
78. Pesquisadora: uhum
79. Marco Daniel: e[::
80. Pesquisadora: [imagino
81. Marco Daniel: agora eu voltei!
82. Pesquisadora: uhum
83. Marco Daniel: tô brincando [(risos)

84. Pesquisadora: [(risos). ((pausa)) Quando cêprestô, cêprestô pra USP também?
85. Marco Daniel: ((pausa)) [não, —é: acho que ficou (hum) Unicamp
86. Pesquisadora: [no CelpeBrás?
87. Pesquisadora: ah:: tá:
88. Marco Daniel: (incompreensível)
89. Pesquisadora: é? E quando cê veio de férias, cê veio pra onde? Pra que lugar do Brasil?
90. Marco Daniel: é: Barretos —São Paulo
91. Pesquisadora: ah::
92. Marco Daniel: é: interior (de São Paulo)
93. Pesquisadora: ãhã. Cê já conhecia ge//alguém de lá?
94. Marco Daniel: não. F//hum//é:: hum: colegas ((pausa)) (Praia Grande)(incompreensível) nosso e depois (incompreensível) (documento), fomos pra Barretos, (dobo) um parque: —é: eu acho que (incompreensível), perto de Barretos.
95. Pesquisadora: Wet'n Wild?
96. Marco Daniel: não sei não. Não lembro o nome
97. Pesquisadora: hum
98. Marco Daniel: mas foi óti[mo! Duas semanas
99. Pesquisadora: [ah::
((pausa))
100. Pesquisadora: e você aprendeu Português —na Universidade ou tem cursos de Português em Puno?
101. Marco Daniel: tem cursos
102. Pesquisadora: ah:: Portu[guês
103. Marco Daniel: [Da Universidade —tem:: uma (salinha)
104. Pesquisadora: uhum
105. Marco Daniel: chama: Centro de Estudos Lenguas Estrangeiras da Universidade Nacional do Altip(ec), que é minha universidade
106. Pesquisadora: ah::
107. Marco Daniel: então eu aprendi lá
108. Pesquisadora: e lá//
109. Marco Daniel: mas nesse//nesse momento que eu aprendi
110. Pesquisadora: ãh
111. Marco Daniel: tinha um: uma professora de Brasil
112. Pesquisadora: ah:: [ta:
113. Marco Daniel: [da embaixada.
114. Pesquisadora: da onde?
115. Marco Daniel: da embaixada
116. Pesquisadora: ah: ta. Uhum
117. Marco Daniel: ela é Maria Augusta Pessoa. —Não sei, eh:, mas ela foi somente: pra: eh:, apresentar a vaga, ensinar alunos, eh: quase todos eles, alunos de Peru
118. Pesquisadora: ãhã
119. Marco Daniel: e pra (incompreensível) pra aqui
120. Pesquisadora: hu::m
121. Marco Daniel: pra Brasil
122. Pesquisadora: uhum:
123. Marco Daniel: concluiu o objetivo. —É: trezentos e noventa e::: noventa e::: quase quatrocentos, né? Faltou, daí eu e::: quase dois ou três (garotos)
124. Pesquisadora: nossa!
125. Marco Daniel: logo (incompreensível)
126. Pesquisadora: hum:: Então ela ficou lá ensinando Português pra vocês
127. Marco Daniel: sim. E ela ensinava muito bem (incompreensível)

128. Pesquisadora: que bom!
129. Marco Daniel: logo disso, eh:: pudiera mais: estudado é:: Inglês
130. Pesquisadora: ah é?
131. Marco Daniel: uhum. (Da onde) estudo começou a pagar é: Português (incompreensível)
132. Pesquisadora: sério? Que legal! ((pausa)) É, aqui também a língua:, assim, mais estudada, estrangeira é o Inglês. E na Coreia?
133. Kkoch: (incompreensível)
134. Pesquisadora: Inglês também?
135. Kkoch: o Segundo é Chinês ou Japonesa. O terceiro é hum::: (o Francês)
136. Pesquisadora: ãhã
137. Kkoch: Espanhol e Francês não é comum. Chinesa e Japonesa é mais comum
138. Pesquisadora: uhum
139. Kkoch: porque fica perto
140. Pesquisadora: ãhã. Sim
141. Kkoch: eu não gosto, não gosto (de verdade) de Chinesa
142. Pesquisadora: não?
143. Kkoch: (gesto de não com a cabeça) Não conseguia pra (incompreensível)
144. Pesquisadora: uhum
145. Kkoch: não gosto de alfabeto
146. Pesquisadora: ãhã
147. Marco Daniel: mais difícil?
148. Kkoch: é: eu tentei pra aprender dois, mas é: quando eu era: estudante de meio ano, eu não consegui, caracteres chineses
149. Pesquisadora: (risos)
150. Marco Daniel: eu fa// é: tenho um colega da:: (gepac), da faculdade que: ele fala que: –China e Coreia do Sul, acho que de (vão preso), é: ninguém (se dá bem) são muito:: vingadores (incompreensível). Quando eles fala de alguém (incompreensível) China, ele diz ‘Eu não sou China, eu sou (di)Japão). Se sente muito ofendido
151. Pesquisadora: ah:
152. Marco Daniel: assim, se acontece isso
153. Kkoch: ofendido. Que é (incompreensível)
154. Pesquisadora: [ofendido
155. Marco Daniel: [ofendido
156. Pesquisadora: é:: por exemplo, se eu chego pra você e falo assim ‘Ah::: cê tem os olhos puxados, você é japonesa?’ e cê fala ‘Não, eu sou Coreiana’
157. Kkoch: hum:::
158. Pesquisadora: e você pode ficar incomodada com isso, pelo fato de perguntar se você é japonesa. Aí você pode ficar ofendida
159. Kkoch: hum. Entendi. –Se não tem explicar pessoas, assim mas, eu::: sou pessoa pra entender, porque eu também é difícil pra separar pessoa, quem é brasileiro, quem é peruano, quem é (risos) argentino
160. Pesquisadora: aqui ainda, né?
161. Kkoch: pra mim::: é difícil também, por isso quando estrangeiros me falam ‘Você é japonesa?’ eu falo ‘Sou Coreia do Sul’, então ele falou ‘Desculpa’, então eu falo ‘Não é desculpa, se vocês entenderem (incompreensível)
162. Pesquisadora: uhum
163. Kkoch: depois de falar isso, se ele (me pedido sequis) ‘Você é Core// Você é chinesa, japonesa’, então eu vou ficar ruim
164. Pesquisadora: uh[um, ofendida
165. Kkoch: [porque eu já falei
166. Pesquisadora: uhum, aí cê fica ofendida
167. Kkoch: ofendida

168. Pesquisadora: uhum
169. Kkoch: mas muitas minhas//muitas minhas amigas sentir ruim, a gente falou 'Sou Coreiana'
170. Pesquisadora: ãhã
171. Kkoch: porque tamuita histórias ruim entre essas três países
172. Pesquisadora: ãhã
173. Kkoch: ainda tem, ainda tem
174. Pesquisadora: ah: É o que o Marco Daniel tava comentando dos amigos dele, né?
175. Marco Daniel: é. Eles não gostam de dizer que hum:: é japonês, mas eles fala de: China, e eles não gosta, eles falam 'Eu não sou China' e:: (risos)
176. Pesquisadora: (risos)
177. Marco Daniel: mas a gente faz de brincadeira. Pra brincar com ele
178. Pesquisadora: ãhã (risos)
179. Kkoch: ele vai sentir muito ruim
180. Marco Daniel: é: sentir [muito ruim mesmo
181. Pesquisadora: [(risos)
182. Marco Daniel: ficar 'Eu sou China, sou japonese
183. Pesquisadora: (risos)
184. Marco Daniel: no bandejão
185. Pesquisadora: (risos)
186. Marco Daniel: mas por que teve problemas entre: esses três países? Quatro! [Coreia
187. Kkoch:[Quatro?
188. Marco Daniel: coreia, Coreia do Norte
189. Kkoch: bem (incompreensível) (risos)
190. Pesquisadora: (risos)
191. Kkoch: é:: Coreia do Sul
-
192. Kkoch: na Coreia, tem assim – muitos obrigações
193. Pesquisadora: uhum
194. Kkoch: pra quando vai entrar empresa ou pra graduação
195. Pesquisadora: ãhã
196. Kkoch: por exemplo, eu tenho que ganhar, sabe CelpeBrás?
197. Pesquisadora: ãhã
198. Kkoch: CelpeBrás, mas alto nível e, pra, pra graduação é: ou: i:: si, também tenho que ganhar Toefl ou Toic
199. Pesquisadora: uhum
200. Kkoch: exames de Inglês
201. Pesquisadora: sim, mas pra//pra quê: você precisa desses exames?
202. Kkoch: Para a graduação
203. Pesquisadora: Pra você entrar na Graduação? Não? Durante a graduação?
204. Kkoch: Durante a graduação
205. Pesquisadora: ah:
206. Kkoch: para terminar a universidade
207. Pesquisadora: ah[::
208. Kkoch: [por isso. E se eu qui//quero trabalhar numa empresa, há obrigação, obrigatório, obrigação
209. Pesquisadora: obrigatório
210. Kkoch: obrigatório, eles (escreveu) assim, você, antes desse ano, você tem que, menor desse ano
211. Pesquisadora: ãhã

212. Kkoch: primeiro é assim, você, ah: se você é homem, tem que terminar o militar
213. Pesquisadora: ãhã
214. Kkoch: e:: cê tem que:: cê tem que: –encaminhar esse diploma e tem que Toefl e: depois de essa obrigação, obrigatório, vai fazer interview. Primeiro interview e segundo entrevista
215. Pesquisadora: uhum
216. Kkoch: e último é: tem mais entrevista ou último
217. Pesquisadora: nossa!
218. Kkoch: é mu:::ito difícil na Coreia, agora não tem muito trabalho
219. Pesquisadora: [ãhã
220. Kkoch: [(é muito difícil). É por isso eu –pense:i aprender língua
221. Pesquisadora: [uhum
222. Kkoch: [é mais fácil pra (angariar) trabalho
223. Pesquisadora: [sim
224. Kkoch: [porque –se eu aprender essa língua, (incompreensível) é: um trabalho, uhum
225. Pesquisadora: [sim
226. Kkoch: [num país. ãh:, eu pensei assim
- ...
227. Kkoch : eu não pense:i, eu gosto de Língua Coreiano, mas eu não gosto de:: dar aula
228. Pesquisadora: ah: [é:?
229. Marco Daniel: [de Coreiano?
230. Kkoch: é que: é:: cansado pra::, si eu senti divertido também, mas é mais cansado pra dar: informações com certeza, com ãh:: que é muito:, eu não tenho que dar informações que é errado
231. Pesquisadora: ã[hã:
232. Kkoch: [sempre eu tenho que falar boas coisas, não é (supor) as coisas que é certo
233. Pesquisadora: ãhã
234. Kkoch: mas esse ano, antes de fazer (trinta ano), meu professor da f//Português me pedi pra: encontrar pro//professora da: Coreiana
235. Pesquisadora: ãhã
236. Kkoch: encontrei, mas ela me pediu uma estagiária pra dar: aula pra: USP
237. Pesquisadora: ãhã
238. Kkoch: pra Língua () ãh: Sul-Coreiana
239. Pesquisadora: ah:
240. Kkoch: por isso. Tô//to dando duas au//dois ua//duas du:as aulas
241. Pesquisadora: que legal!
242. Kkoch: mas ((pausa)) olha eu também estudante de Língua Portuguesa
243. Pesquisadora: ã[hã
244. Kkoch: [na terceira ano. Na Coreia precisa ter quatro anos
245. Pesquisadora: são quatro anos?
246. Kkoch: eu só três anos. Ah não é três anos, terceiro ano!
247. Pesquisadora: ãhã
248. Kkoch: mas eu também, uma estu//estudante na [Coreia
249. Pesquisadora: [uhum: ahã
250. Kkoch: tô dando aula pra: estudante
251. Pesquisadora: uhum
252. Kkoch: de USP
253. Pesquisadora: ãhã
254. Kkoch: por isso eu senti mu:::lto:: –[Não é vergonha
255. Pesquisadora: [Responsabili[dade
256. Kkoch: [Sim. –Eu fico muito confuso e: como eu fazer, como eu fazer, (não sei se muito) (inestir) assim um pouco: cansa:do porque eles são, eles são Ensino Médio

257. Pesquisadora: ãhã. Ensino Medio?
258. Kkoch: é:: Estudante de universitário?
259. Pesquisadora: ah:: estudante de graduação
260. Kkoch: sim. É. Primeiro ano
261. Pesquisadora: ãhã
262. Kkoch: eles, e:: três ou quatro anos pra:: por isso
263. Pesquisadora: hum?
264. Kkoch: é: só: cultura e Língua Coreiana. É bem confuso pra mim também,
[por isso
265. Pesquisadora: [ãhã
266. Kkoch: mas eu tenho que traduzir tudo os matérias pra: explicar
267. Pesquisadora: ãhã
268. Kkoch: esse e: fo// e: outra: aula, essa de: gramática
269. Pesquisadora: uhum
270. Kkoch: então em gramática eu também tenho que estudar
271. Pesquisadora: ãhã
272. Kkoch: por isso, às vezes eu penso isso. ãh: sou estudante de Língua Portuguesa no Brasil, eu tô estudando Língua Coreiana de gramática
273. Pesquisadora: ãhã
274. Kkoch: é muito engraçado (risos) pra mim (incompreensível)
275. Pesquisadora: e:: por exemplo, você acha que:: é: como você aprendeu o Português e agora você ensinando o Coreiano, –você acha que, que nem, você diz que você precisa estudar gramática Coreiana. Você acha que o tipo de aula que você dá em Coreiano é parecido com as aulas que você tem em Português?
276. Kkoch: hum:: ((pausa)) Acho que não.
277. Pesquisadora: por quê?
278. Kkoch: é: mais ãh: pro/professores da Coreia
279. Pesquisadora: ãhã
280. Kkoch: tá dando aula mais ((pausa)) pouco
281. Pesquisadora: (risos)
282. Kkoch: eles (evita) () só uma, uma, uma, uma,
283. Pesquisadora: ã[hã
284. Kkoch: [mas professor da:: –é: sim, é bem diferente
285. Pesquisadora: hum
286. Kkoch: porque na Coreia, pessoas estudam muito pra exame, para notas
287. Pesquisadora: ah::
288. Kkoch: mas no Brasil não é:, pra aprender, né? Pra aprender e pensa:r. Por isso no Brasil eu senti ‘Ah essas aulas são pra conversar’
289. Pesquisadora: [uhum
290. Kkoch: [pra:: e:: conversar sobre uma:: um texto, um (ou hum) literatura
291. Pesquisadora: uhum
292. Kkoch: e assim, com pessoas. Não sei outro: faculdade (incompreensível). Em Letras, FFLCH, eu to estudando Literatura Portuguesa
293. Pesquisadora: uhum
294. Kkoch: mas ele falou sobre essa literatura que ele sentiu, é: sobre essa literatura, mas na Coreia, eu também estudei Literatura Portuguesa e é:: sobre Meu Pé:: né, Meu → Meu Pé de Laranja Lima
295. Pesquisadora: sim, [sim. Lima Barreto
296. Kkoch: [eu estudei
297. Kkoch: quando eu estudei isso, ele (tentou) pra: (--ou) aulas com cada um frase, cada um frase, quê significa esse frase em Português. Por isso, exame não é sobre esta literatura. O quê, como posso traduzir essa frase

298. Pesquisadora: uhum
299. Kkoch: em Português. É (ei) exame. É bem diferente, feito de exame e aulas também
300. Pesquisadora: é:: mas quando, por exemplo, você fez aula de Português, que você fez aula de Língua Portuguesa, e você dando aula agora de Língua Coreiana, você acha que é parecido?
301. Kkoch: o quê? Eu dando aula?
302. Pesquisadora: isso
303. Kkoch: tô tentando pra dar semelhante
304. Pesquisadora: ã[hã
305. Kkoch: [porque –ãh: o professor de: –Gramática de Português na Coreia, ele é brasileiro
306. Pesquisadora: hum
307. Kkoch: mas ele fala// ele é: já era estudante de USP
308. Pesquisadora: ãhã
309. Kkoch: e vem pra Coreia pra dar aula
310. Pesquisadora: uhum
311. Kkoch: e casar (risos) E ele fala muito be// ele fala muito bem Coreiano por isso. Ele ta explicando gramática do Bras// a gramática de Portuguesa
312. Pesquisadora: ã[hã
313. Kkoch: [(em) Coreiano
314. Pesquisadora: ah::
315. Kkoch: por i// é muito: confortável pra estudante
316. Pesquisadora: ãhã
317. Kkoch: eu senti isso, por isso, eu também queria dar aulas assi, por isso, to tentando mas, muito cansado
318. Pesquisadora: uhum
319. Kkoch: to tentando, mas ((pausa)) estudantes não ta:: estudando muito
320. Pesquisadora: ãhã, sim
321. Kkoch: porque eu ouvi ta muito (ane). Estudantes sempre pergunta o que elas estudou pra monitoras
322. Pesquisadora: ã[hã
323. Kkoch: [(vive) perguntando
324. Pesquisadora: ah:: enten[di
325. Kkoch: [não sabia isso
326. Pesquisadora: uhum. E:: tanto na Coreia quanto no Peru, que nem aqui:: no Brasil, quando a gente tá na escola, a gente aprende Língua Portuguesa, e é engraçado porque todo mundo fala Português. Toda criança fala Português
327. Kkoch: sim, na Coreia [(incompreensível)
328. Pesquisadora: [E ela aprende é:, a Língua Portuguesa, porque vai aprender as regras, né? Essas coisas assim. É:: quando vocês estudaram, cês percebem a diferença entre o que ta escrito na gramática e como as pessoas falam? Cês percebem que tem diferença?
329. Kkoch: sim
330. Pesquisadora: e como que é no Peru e na:: e na Coreia, assim?
331. Kkoch: diferentes de som e:: [escribir?
332. Pesquisadora: [em escrita, ou as palavras, assim
333. Kkoch: na Coreia tem mu:ito
334. Pesquisadora: tem?
335. Kkoch: si. E na Coreia te: dois tipos de:: madeira
336. Pesquisadora: madeira?
337. Kkoch: jeito
338. Pesquisadora: maneira
339. Kkoch: maneira
340. Pesquisadora: ãhã

341. Kkoch: se eu falá pra adultos o que é, eu tenho que falar um jeito de informal, ah: formal, mas se eu falo mais novo do que eu, eu posso falar informal pra ele
342. Pesquisadora: uhum
343. Kkoch: cada, —cada tem palavra, mas tem que ta igual
344. Pesquisadora: sim. Ah::
345. Kkoch: é pra s//estudantes também quando é:: muito difícil
346. Pesquisadora: uhum. E quan//quantas línguas tem o Peru?
347. Kkoch: é:
348. Pesquisadora: no peru, olha! Desculpa, na Coreia!
349. Kkoch: quantas línguas?
350. Pesquisadora: é, é só o Coreiano?
351. Kkoch: hum:: No entendo, como assim?
352. Pesquisadora: por exemplo, no Peru, tem o Espanhol, eu não sei se ainda tem o Quéchuá
353. Kkoch: [ah é comum?
354. Marco Daniel: [tem
355. Pesquisadora: mas tem outras línguas. É: Na Coreia é só o Coreiano?
356. Kkoch: Coreiano, Inglês e até pessoasestar conseguindo (incompreensível) Espanhol. Espanhol. Muitas pessoas fala muitas línguas, mas línguas, Inglês é: básico
357. Pesquisadora: tá, outra dúvida que eu tenho é:, o: co// na Coreia do Norte é a mesma língua que se fala na Coreia do Sul?
358. Kkoch: é:: se eles falam, eu falo, eu consigo entender, mas não posso entender tudo. É semelhante, tudo. Língua Portuguesa e Língua Espanhola
359. Pesquisadora: ah: ta
360. Kkoch: pode pensar assi
361. Pesquisadora: uhum
362. Kkoch: tá a palavra outros, mas às vezes, tá a palavra igual
363. Pesquisadora: ãhã
364. Kkoch: ah: e: tem outros sotaques
365. Pesquisadora: uhum
366. Kkoch: e outro som
367. Pesquisadora: ah ta. E como que é no Peru?
368. Marco Daniel: é: a gente não estuda: o Espanhol
369. Pesquisadora: não? Na escola?
370. Marco Daniel: não. EU acho que é necessário estudar o Quéchuá, né?
371. Pesquisadora: ãhã
372. Marco Daniel: porque: as pessoas tão esquecendo do idioma: nativo: e formam parte da história do Peru
373. Pesquisadora: e ensinam Quéchuá na escola? —Também não?
374. Marco Daniel: não
375. Pesquisadora: o que que: o que que as crianças aprendem?
376. Kkoch: e:: is//eu estou pensando —porque em seu país é:: acho que:: as pessoas (ventureira) se sentem muito orgulhosas de: ser Coreiano ou não?
377. Kkoch: é:, mas você//você também tem, né? Sobre (incompreensível)
378. Marco Daniel: (incompreensível) e:: orgulho, eu tenho sim, mas não tudo o pessoal tem, porque — as pessoas que eu pergunto tem vergonha de ser peruano
379. Pesquisadora: uhum
380. Marco Daniel: e:: ultimamente as pessoas que estão morando em cidades pequenas, é:, falam muito que a vida é muito melhor em cidade cidade mais grande
381. Pesquisadora: uhum
382. Marco Daniel: e:: vão lá e:: às vezes não dá certo. As pessoas morrem, fica sem emprego, (fica mi) família e:: o pequeno, as crianças morre de fome, também//também eles acham que ficar numa cidade pequena é:: é ruim

383. Pesquisadora: uhum
384. Marco Daniel: então eles sentem, s//sentem vergonha de:: de Peru praticamente
385. Pesquisadora: uhum
386. Marco Daniel: porque siguem em cidade pequena, não tem uma possibilidade de sair, imagi//imaginam uma cidade meio grande, é pior
387. Pesquisadora: uhum
388. Marco Daniel: Então, o problema é Peru. Eles falam isso. Então, não gosta do idioma nativo, que é Quéchua, basicamente não gostam. É: o Aimara é um pouco e:: existem outros idiomas que estão se perdendo um pouco
389. Pesquisadora: qual é, o Quéchua e o?
390. Marco Daniel: aimara
391. Pesquisadora: aimara?
392. Marco Daniel: o Aimara tem, (incompreensível) do tipo: austral// não australiano não. Sim, australiano. (risos) É: muito parecido, tem palavras (camissarai) que é: (incompreensível), (Kami) falou e: (camissarai) que (ele) falou umas palavras muito pare [cidas, tem muito significado. Então, é:: são línguas que estão se perdendo e:: perdendo
393. Pesquisadora:[uhum
394. Pesquisadora: e você fala uma delas?
395. Marco Daniel: é, eu fale:i, tentei aprender Quéchua
396. Pesquisadora: ã[ha
397. Marco Daniel: [não consegui tudo, mas é: eu (assino de Fernando)
398. Pesquisadora: ãhã, e seus pais falam
399. Marco Daniel: me: minha mãe
400. Pesquisadora: sua mãe fala Quéchua?
401. Marco Daniel: minha mãe fala// fala Quéchua:: e Espanhol
402. Pesquisadora: ãhã
403. Marco Daniel: meu pai:: Em verdade, nasceu em Peru, mas nem todo Peru fala Quéchua
404. Pesquisadora: uhum
405. Marco Daniel: e nem todo grupo fala em (bar) somente Espanhol, nessa parte de Peru falam: eh: como é que é o idioma da selva
406. Pesquisadora: ãhã
407. Marco Daniel: eu não lembro o nome, ma::s é um que se chama peruano também
408. Pesquisadora: uhum
409. Marco Daniel: e que também se está perdendo. Aqui na// no sul, onde eu moro tem: Quéchua e aqui tem Aimara, e aqui a Bolívia
410. Pesquisadora: ãhã
411. Marco Daniel: então, meu pai, é: nascido aqui. Ele não fala Quéchua, nem Aimara. Nessas cidades não existe
412. Pesquisadora: ãhã
413. Marco Daniel: minha mãe (gosta) aqui no norte do:: da minha cidade e ela fala Quéchua
414. Pesquisadora: ãhã
415. Marco Daniel: mas o Quéchua que está: na: no norte do:: da minha cidade, da minha região é muito diferente o: à Quéchua: do (Olimpia)
416. Pesquisadora: ah::
417. Marco Daniel: muito diferente. Como Espanhol e Português
418. Pesquisadora: ãhã
419. Marco Daniel: então, é:: son idiomas que estão se perdendo. Ninguém estuda o Quéchua, ninguém estuda Aimara, e:: ainda Espanhol ainda não
420. Pesquisadora: uhum
421. Marco Daniel: e acho quem não tem muito orgulho do seu país. Todo mundo quer sair, quer é: desaparecer!

422. Pesquisadora: ãhã
423. Marco Daniel: logo (incompreensível). Que não (incompreensível) da (incompreensível) história. (incompreensível)
424. Pesquisadora: e tem bastante línguas indígenas, né? [lá também
425. Marco Daniel: [É: acho que tem é: algo de sete, oito línguas indígenas
426. Pesquisadora: uhum
427. Marco Daniel: mas em Quéchua e Aimara tem (por aqui mais) (incompreensível) (incompreensível) do Peru. Aqui ta bem para que, ao seu redor
428. Pesquisadora: mas a língua oficial é só o Espanhol?
429. Marco Daniel: Espanhol
430. Pesquisadora: só? Eu pergunto porque:: o Paraguai, que é um país que faz fron// é vizinho aqui do Brasil, é:: tem o Espanhol, como a língua oficial e tem o Guarani também, –é:: uma língua indígena da região
431. Marco Daniel: é:, mas é:: oficial da (incompreensível)
432. Pesquisadora: ãhã:, é: oficial
433. Marco Daniel: (não) a oficial seria: a Quéchua
434. Pesquisadora: ãhã
435. Marco Daniel: mas eu, ãh: () é: quase:, como se fosse São Paulo falando Quéchua, mas eles (não) me ensinaram a falar Quéchua por vergonha
436. Pesquisadora: ah[::
437. Marco Daniel: [e quando alguma criança nasce e alguém que ainda foi ensinaria ãh: a matemática em Quéchua, eles dizem 'Não vão falá em Quéchua, fala em Espanhol
438. Pesquisadora: ah:
439. Marco Daniel: então, é: então não gostam do//do seu próprio idioma
440. Pesquisadora: ãhã
441. Marco Daniel: isso eu acho que é ruim
442. Pesquisadora: (sim)
443. Kkoch: (incompreensível)
444. Marco Daniel: isso é problema (incompreensível)

Fonte: Dados transcritos de parte de conversa com uma estudante do Curso de Extensão Língua e Cultura Brasileiras para Alunos em Intercâmbio